

## 9.13 PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

### 9.13.1 APRESENTAÇÃO

O presente relatório contém o resultado do levantamento arqueológico realizado na área do AHE Cachoeira Caldeirão, correspondente à prospecção arqueológica nas Áreas de Influência Direta e Diretamente Afetada do empreendimento citado, as quais, por sua vez, abrangem os municípios de Porto Grande e Ferreira Gomes, no Estado do Amapá.

Este levantamento é parte integrante do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) do referido AHE, o qual possui os seguintes recortes geográficos de áreas de influência para o meio socioeconômico, nos quais a identificação do patrimônio arqueológico se insere:

- Área de Influência Direta (AID): limites dos municípios de Ferreira Gomes e Porto Grande.
- Área Diretamente Afetada (ADA): áreas do reservatório, Áreas de Preservação Permanente, áreas dos canteiros de empréstimo e de bota-fora, além de outras consideradas diretamente afetadas pelo empreendimento.

A prospecção das áreas foi realizada nas faixas de terra existentes nas margens direita e esquerda do rio Araguari, entre Porto Grande e Ferreira Gomes.

### 9.13.2 CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL

O levantamento das particularidades ambientais precedeu as demais etapas da pesquisa e teve como objetivo constatar o potencial arqueológico em função de aclimações espaciais atribuídas a grupos pré-históricos ou históricos. Nesse sentido, observou-se que a inserção dos depósitos arqueológicos está condicionada a contextos ambientais específicos e resultou de padrões de assentamento diferenciados do ponto de vista morfológico e funcional: sítios habitação, sítios acampamento e sítios oficina.

Os fatores topográficos, hidrográficos e climáticos, bem como a disponibilidade de matéria-prima para a produção de artefatos de uso cotidiano foram relevantes para a fixação e trânsito dos grupos humanos na área de estudo.

A região pesquisada é caracterizada por floresta de terra firme densa de baixos platôs e de sub-montanhas onde nascem alguns dos afluentes do rio Araguari. Segundo Morán (1991), nas áreas de floresta de terra firme tipo úmida de montanha, os solos são muito variáveis em termos

de acidez, minerais e nutrientes, apresentando moderada fertilidade, o que faz da agricultura praticada nestes uma atividade mais produtiva e segura do que a realizada nas áreas baixas. Assim, percebe-se que essas regiões constituem-se em áreas propícias para o estabelecimento de ocupações humanas.

### 9.13.3 OCUPAÇÃO HUMANA

#### Síntese da Arqueologia Regional

A região estudada faz parte da área arqueológica AP-AR (rio Amapari), na qual já foram registrados 50 (cinquenta) sítios arqueológicos (SIMÕES e ARAÚJO-COSTA 1978). Existem também várias referências de sítios arqueológicos localizados nas áreas adjacentes, tais como: AM (Amapá), 16 sítios; CA (Calçoene), 17 sítios; JA (Jari), 02 sítios; e MA (Macapá), 31 sítios.

Em razão das dificuldades de transposição dos trechos encachoeirados dos rios e da morfologia acidentada do relevo, a região da Guiana Brasileira foi tardiamente explorada pelos pesquisadores, permanecendo por muitos anos como um território pouco conhecido. Em consequência, a área ainda abriga nações indígenas com raro ou sem nenhum contato com a sociedade regional. Lembra-se aqui que pesquisadores franceses foram os primeiros cronistas a estabelecer contato com as populações indígenas da região, fato que ocorreu ainda no século XIX.

Hoje, o território indígena demarcado que se situa mais próximo da área de abrangência do empreendimento em análise é a Terra Indígena Waiãpi, do povo Wajãpi, pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani, entretanto, esta se localiza fora da Área de Influência Indireta da área pesquisada. Os Wajãpi habitam uma região delimitada pelos rios Oiapoque, Jari e Araguari. Segundo Gallois (1987), antropóloga que desenvolve pesquisas sobre este povo, os Wajãpi são os mesmos Guaiapi, situados na região do baixo rio Xingu. Há cinco aldeias Wajãpi na margem do rio Oiapoque, na Guiana Francesa. No Brasil, segundo Gallois (op.cit.), há três subgrupos territoriais: o do alto Jari/Cuc; o "grupo arredio" do alto Ipitinga; e o grupo principal da região do Amapari.

No final do século XX, a partir da implantação do Projeto Amapari - do qual faziam parte as empresas MPBA (Mineração Pedra Branca Amapari) e MMX (Mineração e Metálicos S.A), que exploravam, respectivamente, ouro e ferro - as pesquisas científicas na região do Amapari intensificaram-se e diversificaram-se. Esse fato resultou das exigências da legislação ambiental, que passou a obrigar os empreendedores de grandes projetos a realizar Estudos e Relatórios de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), bem como a financiar programas de arqueologia nas áreas potencialmente impactadas.

Assim, foi elaborado um projeto de salvamento arqueológico para a região do Amapari, sob a coordenação do arqueólogo Edinaldo Pinheiro Nunes Filho e com apoio institucional do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Amapá (CEPAP). Essas pesquisas vêm tentando conhecer os procedimentos e as técnicas desenvolvidas por padrões de comportamento relacionados à confecção e uso da cerâmica. No momento, sabe-se que essa região foi marcada, ao longo de sua história, pela presença de grupos pré-históricos, que se desenvolveram econômica e culturalmente em áreas de floresta de terra firme, produzindo meios de subsistência a partir do cultivo de plantas, da criação de animais em cativeiro, da pesca e da caça.

No período de colonização da Amazônia (século XVII), esse território foi cobiçado por ingleses, holandeses, franceses e luso-brasileiros em razão da possibilidade de exploração de ouro. No final do século XIX, a região do Araguari-Amapari foi, possivelmente, ocupada por garimpeiros guianenses (crioulos) e suas respectivas famílias. O entendimento geral é de que isso ocorreu por dois motivos. Primeiro, pelo fato de que a região do Araguari-Amapari é uma área próxima e de acesso fácil aos garimpos de ouro, os quais se instalaram a partir do século XVIII no atual município de Calçoene, levando à conclusão de que os primeiros garimpeiros que se instalaram nessa região eram oriundos dessa área mineral. O segundo motivo foi o deslocamento provocado, a partir de 1895, quando tropas francesas massacraram 38 pessoas na cidade de Amapá.

No século XX, grandes projetos econômicos se instalaram na área visando à exploração de minérios, podendo-se citar: a atuação da ICOMI (Indústria e Comércio de Minérios S.A.) na extração do manganês na década de 50; a exploração de ouro no começo do século XX pela MPBA; e, logo depois, a busca da Mineradora MMX de extração de ferro.

### **Caracterização da Arqueologia da Área Estudada**

Como já foi apontado anteriormente, a região objeto desta pesquisa faz parte da área arqueológica AP-AR (rio Amapari) (SIMÕES e ARAÚJO-COSTA 1978), na qual já foram registrados 50 (cinquenta) sítios arqueológicos. Destes, 39 (trinta e nove) foram registrados na área das mineradoras MPBA e Anglo Ferrous do Brasil (Antiga MMX); 10 (dez) foram localizados no rio Amapari durante o levantamento arqueológico do EIA-RIMA da PCH Capivara; e 01 (um) último sítio foi circunscrito ao alto rio Araguari durante levantamento mineral da MPBA em 2008. Há também várias referências de sítios localizados nas áreas arqueológicas amapaenses adjacentes, estando entre eles: AM (Amapá), 16 sítios; CA (Calçoene), 17 sítios; JA (Jari), 02 sítios; e MA (Macapá), 31 sítios.

Segundo os dados etno-históricos (EVANS 1955) e arqueológicos disponíveis (SIMÕES 1972) é possível verificar a existência de uma fase arqueológica na área, a Aristé.

### **Fase Aristé**

A Fase Aristé está relacionada à Tradição Policroma, caracterizada pela grande diversidade de técnicas decorativas e pela complexidade de motivos. Predomina como decoração a pintura executada em vermelho ou preto sobre engobo (tipo de tratamento feito antes da queima na superfície do vasilhame) branco. São frequentes, também, as incisões, excisões, acalados sobre superfícies simples ou engobadas de vermelho ou branco, ponteados e modelados.

Os grupos ameríndios dessa fase cerâmica estabeleceram-se no extremo norte do Amapá, na mesma época em que os ameríndios da fase Mazagão se estabeleceram na parte sul do Estado. De acordo com Simões (1972) sua localização geográfica remete à metade norte do Estado do Amapá, sendo limitada ao norte pelo rio Oiapoque e ao sul pelo rio Araguari-Amapari. Seus sítios são rasos, sugerindo curto período de ocupação, e situam-se ao longo dos rios e igarapés, afastados dos cemitérios. Segundo Hilbert (1957), “a relativa densidade dos depósitos, misturados com pouca terra, sugere o uso de casas palafíticas iguais às habitações caboclas de hoje”.

Os sítios-cemitérios caracterizam-se pela disposição de urnas funerárias em abrigos ou cavernas. Quando não se dispunha de abrigos naturais desse tipo, eram abertos poços artificiais ou depositava-se as urnas na terra. No rio Cunani, ao norte do Estado do Amapá, foram localizados, em 1895 (GOELDI 1905), dois poços artificiais em forma de bota, cobertos por uma laje circular de pedra. Um deles continha, em sua câmara lateral, várias urnas antropomorfas, urnas globulares, vasos e tigelas de aspecto original, contendo restos de ossos humanos e terra.

Na mesma região, em 1996, no rio Novo, foi localizado outro poço artificial pela Dra. Alicia Coirolo do Museu Emílio Goeldi e pelo Prof. Edinaldo Nunes Filho do Museu Amapaense. No interior das urnas, além da terra preta e de ossos de enterramento secundário ou de restos de cremação, são encontrados, ocasionalmente, pequenas lâminas de machado, figuras de argila ou contas e pendentes de jadeíta ou de vidro.

Como na fase Mazagão, esta fase também apresenta diferenciações temporais que podem ser diagnosticadas através de modificações observadas tanto na pasta dos vasilhames como na decoração. De acordo com Clifford Evans, primeiramente era usado somente areia como tempero da pasta, sendo a decoração predominantemente incisa e raspada (HILBERT 1957). Nesse momento era comum a prática de enterramento secundário.

No segundo período desta fase, as peças apresentam, como tempero na pasta, fragmentos de cerâmica moída. Ocorre, ainda, a incorporação da cremação dos mortos e a substituição gradativa da decoração incisa e raspada pela pintura, que é feita, inicialmente, em grandes faixas e seções, tornando-se depois mais complexa e com motivos curvilíneos (HILBERT 1957). Como nas demais fases registradas no Estado do Amapá, nesta ocorrem, igualmente, contas de vidro de



procedência européia demonstrativas de contato. Segundo Simões (1972) sua datação relativa remete ao período compreendido entre os séculos XV e XVI.

### **Levantamentos Arqueológicos Atuais**

As primeiras pesquisas arqueológicas foram realizadas na região do Amapari no final do século XX, tendo sido localizados 02 (dois) sítios arqueológicos (AP-AR-01: Retiro do Bidú e AP-AR-02: Sítio Faria), conforme registro de dados do Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva.

Nos últimos anos, com a criação da mineradora MPBA e o desenvolvimento das atividades de instalação e operação mineral, foi criado o Projeto de Salvamento Arqueológico da Área do Projeto Amapari, em Pedra Branca do Amapari/AP. Este projeto é coordenado por Edinaldo Pinheiro Nunes Filho e, na área da empresa MPBA, já foram localizados 11 (onze) sítios arqueológicos pré-coloniais. Na área da empresa MMX, instalada em um espaço desmembrado da MPBA, também foi criado um projeto de salvamento arqueológico, onde já existem 39 (trinta e nove) sítios arqueológicos registrados.

### **Periodização Arqueológica**

Na América é adotado um sistema de periodização aceito pela maioria dos pesquisadores, no qual a pré-história é dividida em três períodos: Paleoíndio, Arcaico e Formativo. Esse sistema de periodização foi definido por Gordon Willey e Philip Phillips (1958) a partir de critérios econômicos e cronológicos para padrões de uso dos recursos naturais e mudanças nas temperaturas médias do planeta. É importante esclarecer que esses estágios não são mutuamente exclusivos, nem tampouco representam etapas evolutivas lineares (NEVES 1995).

O Paleoíndio foi definido como o estágio de adaptação de sociedades imigrantes às condições climáticas e fisiográficas glaciais tardias e pós-glaciais iniciais no novo mundo (WILLEY e PHILLIPS 1958). Esse período corresponde ao final da época do Pleistoceno (100.000 – 10.000 anos AP).

O Arcaico também inclui populações de caçadores adaptadas a condições climáticas mais próximas das atuais (WILLEY e PHILLIPS 1958). As ocupações arcaicas situam-se cronologicamente dentro da época do Holoceno, um período geológico que se estende de 10.000 anos atrás até o presente (NEVES 1995).

O Formativo foi definido pela presença de agricultura (ou qualquer outra economia de subsistência de eficiência comparável) e pela integração bem sucedida dessa economia a

ocupações sedentárias em aldeias (WILLEY e PHILLIPS 1958). Esse estágio cultural não pode ser referido no Brasil, visto que as pesquisas arqueológicas realizadas até o momento não revelaram a existência de nenhum tipo de sociedade complexa com estrutura religiosa na pré-história (MARTINS 1999).

Os pesquisadores deterministas ecológicos definiram que as características dos grupos étnicos pré-históricos que viveram no Amapá encaixam-se perfeitamente no período de ocupação denominado Arcaico, uma vez que a estrutura cultural encontrada nas escavações arqueológicas é de grupos considerados simples, sem complexidade social. São classificados em grupos de Horticultores de Floresta Tropical, de procedência e nível cultural diferentes (MEGGERS 1979; EVANS 1955). Entretanto, estes possuíam enquanto característica comum a agricultura itinerante, modo primitivo de cultivar a terra e processo típico de região tropical, que consiste no preparo do solo através de queimada, derrubada e coivara. Este tipo de agricultura desgasta muito rapidamente o solo, obrigando a troca constante dos locais de cultivo. A alimentação destes grupos baseava-se no cultivo da mandioca ou do milho, na caça, pesca e na coleta de frutos silvestres.

A data de ocupação mais antiga estabelecida pelo PRONAPABA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica) para os grupos étnicos pré-históricos que viveram na Amazônia não ultrapassa os 10.000 anos – Sítio de Taperinha-PA. Em contrapartida, as pesquisas de campo sistemáticas e intensivas de Anna Roosevelt, em Monte Alegre e em outras partes da Amazônia, chegaram a uma datação aproximada de 12.000 anos.

No Amapá as datações obtidas pelo processo de datação absoluta, colocam as populações pré-históricas mais antigas em 3.750 – 110 A.P (Beta 30746). A datação foi obtida por meio de amostras de carvão coletadas em um corte estratigráfico realizado num abrigo-sob-rocha, no local conhecido como Buracão do Laranjal, na Região do Maracá, município de Mazagão-AP (GUAPINDAIA e MACHADO 1997). Não obstante, é possível que em um futuro próximo a pré-história da Amazônia e do Amapá ganhe um novo rumo teórico e cronológico, influenciado por três fatores: a teoria evolucionista de Anna Roosevelt que, a cada dia, ganha novos discípulos; o fato de inexistirem pesquisas arqueológicas intensivas em sítios arqueológicos amapaenses; e a ausência de datação absoluta em quase todos os artefatos arqueológicos coletados e/ou a não publicação do material já datado.

#### **9.13.4 METODOLOGIA**

##### **Ação Empreendida**

Os levantamentos arqueológicos (diagnóstico) efetivados na área do Aproveitamento Hidrelétrico Cachoeira Caldeirão foram realizados em dois períodos: de 21 a 25 de fevereiro e de 07 a 10 de março de 2009. Uma equipe de quatro pessoas – um arqueólogo, um técnico em arqueologia, um assistente de campo e um guia – percorreu de rabeta e voadeira o rio Araguari e seus afluentes. A prospecção da área foi realizada nas faixas de terra existentes nas margens direita e esquerda do rio Araguari, a partir da comunidade de Porto Grande até a comunidade de Ferreira Gomes.

No percurso foram procurados indicadores de ocupação humana na vegetação (tabocal, embaubeira), no solo (terra preta, areno-argiloso), nos taludes e no relevo plano, sendo que em áreas habitadas foram obtidas informações sobre vestígios de ocupação ameríndia e ruínas históricas. Quando características de ocupação eram detectadas em determinada área, fazia-se o desembarque e a procura de evidências de cultura material (cerâmica, lítico, terra preta) era feita a pé, observando-se solos, árvores caídas, buracos de animais e indicações de origem antrópica (Fotos.1 e .2)

A partir da localização do sítio arqueológico por indicação de morador ribeirinho ou pela equipe de pesquisa, foram realizados procedimentos de confirmação do sítio, de tomada de ponto em GPS, de levantamento da flora e fauna da área, relevo, hidrografia, do tipo de vestígios, bem como o mapeamento da localização dos sítios arqueológicos (Figuras 9.71 a 9.79).

#### **9.13.5 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CONSTATADOS**

O levantamento arqueológico do diagnóstico efetivado na Área Diretamente Afetada (ADA) do AHE Cachoeira Caldeirão resultou na identificação de 08 (oito) sítios arqueológicos, dos quais 07 (sete) estão localizados na Área Diretamente Afetada (Quadro 9.13 e Figura 9.71). (Vide Mapa 22 - Vol. VII).

**Quadro 9.13.** Sítios Arqueológicos localizados na ADA do AHE Cachoeira Caldeirão.

Nome do Sítio	Tipo de Sítio	Localização - GPS	Vestígios
1. AP-AR-22: Castanheira	Multicomponencial: Pré-Colonial e Histórico, céu-aberto	UTM 22N 0452304 0070752; Elevação: 60m	Fragmento de: cerâmica, porcelana, garrafa (grés) e terra preta.
2. AP-AR-23: Eucalipto	Unicomponencial: Pré-Colonial, céu-aberto	UTM 22N 0459232 0083653; Elevação: 60m	Fragmento de cerâmica e terra preta
3. AP-AR-24: Godoi	Unicomponencial: Pré-Colonial, céu-aberto	UTM 22N 0460425 0086326; Elevação: 60m	Fragmento de cerâmica e terra preta
4. AP-AR-25: Capitão Brazão	Unicomponencial: Pré-Colonial, céu-aberto	UTM 22N 0464566 0089142; Elevação: 60m	Fragmento de cerâmica e terra preta
5. AP-AR-26: Prainha do Jutai	Unicomponencial: Pré-Colonial, céu-aberto	UTM 22N 0466615 0091855; Elevação: 50m	Fragmento de cerâmica e terra preta
6. AP-AR-27: Santa Clara	Unicomponencial: Pré-Colonial, céu-aberto	UTM 22N 0466483 0092227; Elevação: 50m	Fragmento de cerâmica e terra preta
7. AP-AR-28: Prainha da Pedra	Unicomponencial: Pré-Colonial, céu-aberto	UTM 22N 0466872 0093068; Elevação: 48m	Fragmento de cerâmica e terra preta
8. AP-AR-29: Ilha do Caju	Unicomponencial: Pré-Colonial, céu-aberto	UTM 22N 0466872 0093068; Elevação: 48m	Fragmento de cerâmica e terra preta

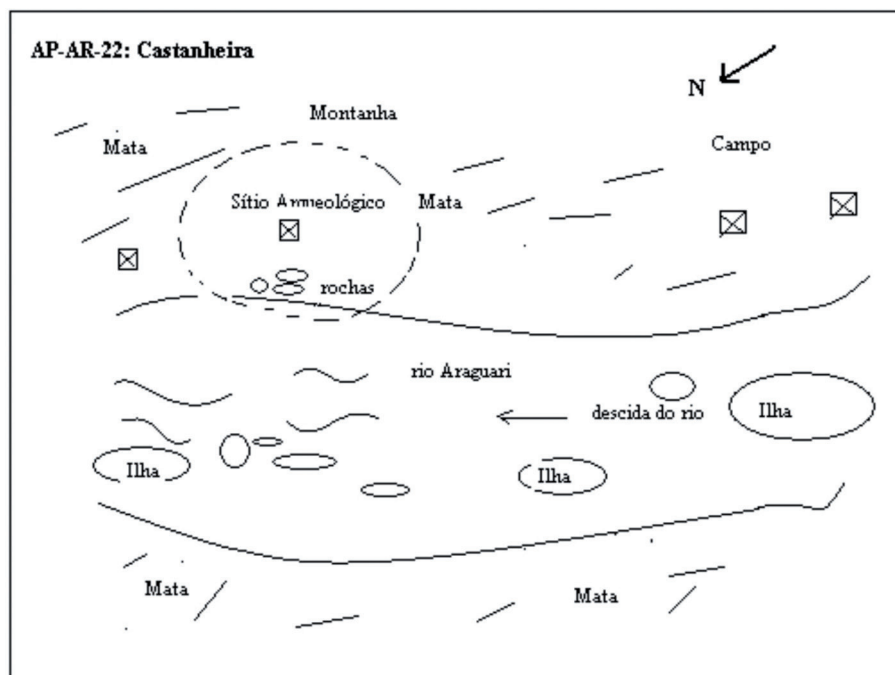


### 1. AP-AR-22: Castanheira

Sítio arqueológico multicomponencial, pré-colonial e histórico, localizado a céu-aberto, na margem esquerda do rio Araguari (Figura 9.72). Possui como característica uma capoeira. Foram localizados fragmentos de cerâmica, porcelana, garrafa (gré) e terra preta. Os proprietários são Fátima e Itamar. O sítio fica localizado em um platô com declive, possuindo solo areno-argiloso e contando com uma plantação de banana, bem como duas castanheiras, tucumanzeiro, entre outros. A área do sítio arqueológico é de aproximadamente 260m X 100m (Fotos nº 9.33, 9.44 e 9.5).

Localização GPS: UTM 22N 0452304 0070752; Elevação: 60m

**Figura 9.72.** Mapa n.º 1: Sítio Arqueológico Igarapé do Traíra.

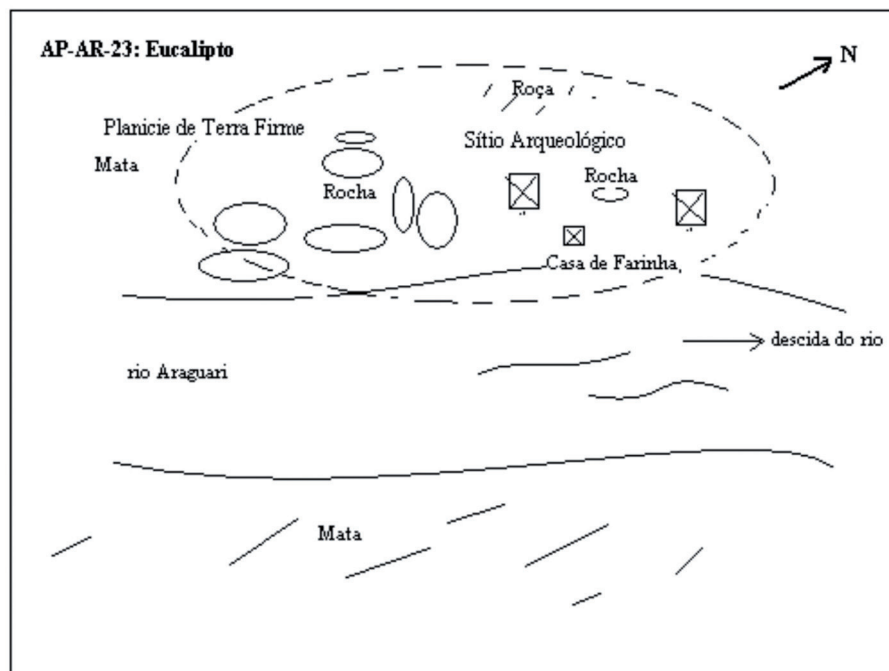


## 2. AP-AR-36: Ilha da Cobra

Sítio arqueológico unicomponential, pré-colonial, localizado a céu-aberto, na margem direita do rio Araguari. Na área do sítio arqueológico foi observada uma plantação mandioca, bem como a existência de plantas como mangueira, limoeiro, cajueiro, coqueiro, pupunheira (Figura 9.73). Foram encontrados fragmentos de cerâmica e terra preta. Não foi possível identificar o proprietário nem dimensionar o sítio arqueológico, pelo fato de parte dele estar localizado em área de mata fechada (Fotos nº9.6, 9.7 e 9.8).

Localização GPS: UTM 22N 0474522 0100319. Elevação: 18m.

**Figura 9.73.** Mapa nº 02: Sítio Arqueológico Eucalipto.

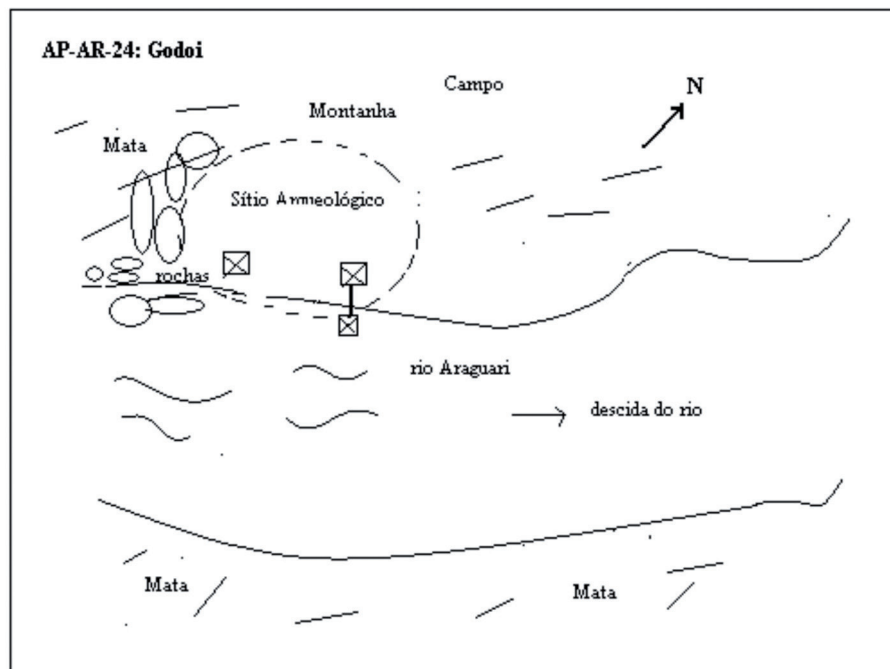


### 3. AP-AR-24: Godoi

Sítio arqueológico unicomponencial, pré-colonial, localizado a céu-aberto, na margem direita do rio Araguari. Na área do sítio arqueológico existe uma estrutura de lazer e diversão composta por casa de altos, trapiche, casa de caseiro e piscinas (Figura 9.74). Foram encontrados fragmentos de cerâmica e terra preta. A área do sítio arqueológico é de aproximadamente 60m X 100m (Fotos nº 9.9, 9.10 e 9.11).

Localização GPS: UTM 22N 0460425 0086326; Elevação: 60m.

**Figura 9.74.** Mapa nº 03: Sítio Arqueológico Godoi.



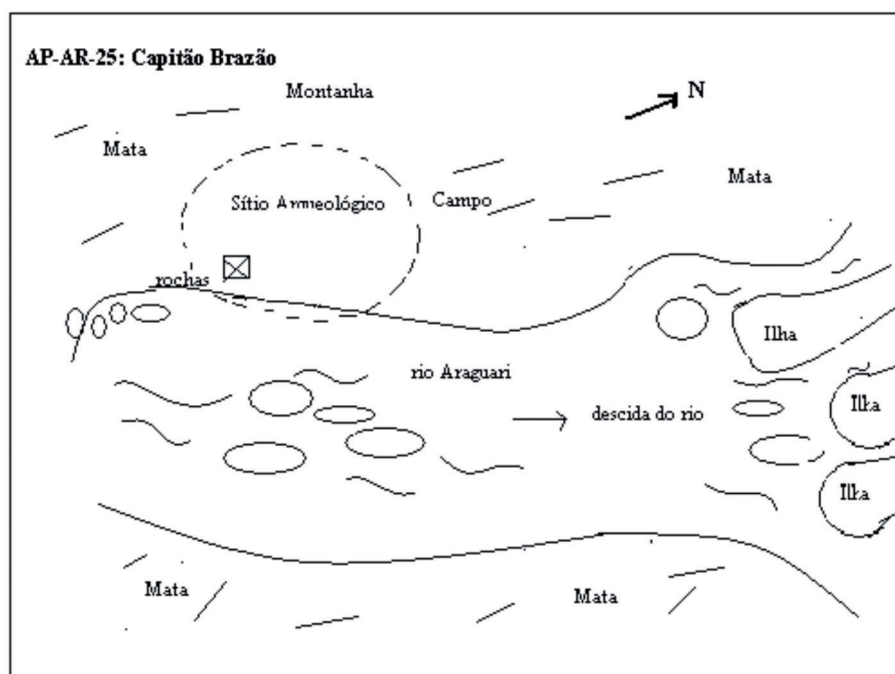


#### 4. AP-AR-25: Capitão Brazão

Sítio arqueológico unicomponencial, pré-colonial, localizado a céu-aberto, na margem direita do rio Araguari. Na área do sítio arqueológico existe uma estrutura de madeira de uma casa em ruína abandonada, bem como árvores de bacabeira, cajueiro, coqueiro, entre outras (Figura 9.75). Foram encontrados fragmentos de cerâmica e terra preta. O proprietário é conhecido como Capitão Brazão. Não foi possível dimensionar o sítio arqueológico, pelo fato de parte dele estar localizado em área com o mato alto (Fotos nº 9.12 e 9.13).

Localização GPS: UTM 22N 0464566 0089142; Elevação: 60m.

**Figura 9.75.** Mapa nº 04: Sítio Arqueológico Capitão Brazão.

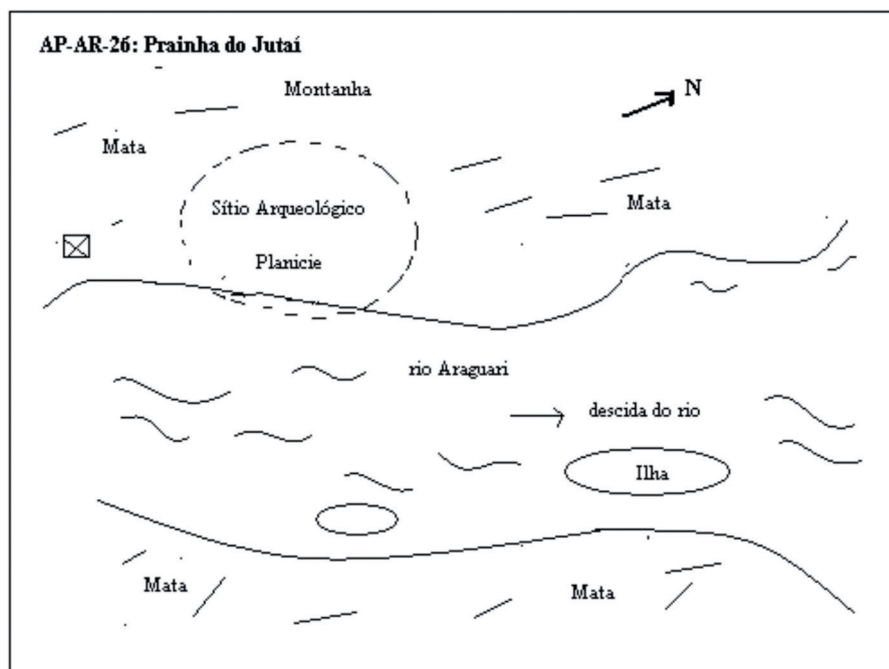


### 5. AP-AR-26: Prainha do Jutai

Sítio arqueológico unicomponencial, pré-colonial, localizado a céu-aberto, na margem direita do rio Araguari. Na área do sítio arqueológico existe uma plantação coqueiro e árvores de bacabeira, jutai, tucumã, entre outras (Figura 9.76). Foram encontrados fragmentos de cerâmica e terra preta. A proprietária é Deuzarina da Costa Nascimento. Não foi possível dimensionar o sítio arqueológico por conta da vegetação espessa no local (Foto nº 9.14 e 9.15).

Localização GPS: UTM 22N 0466615 0091855; Elevação: 50m

**Figura 9.76.** Mapa nº 05: Sítio Arqueológico Prainha do Jutai.

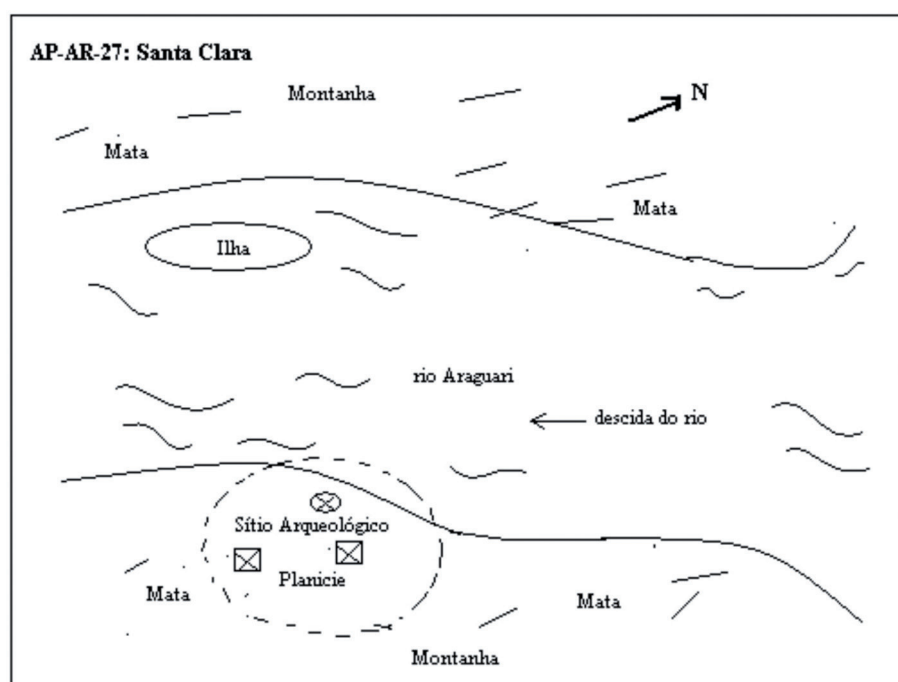


## 6. AP-AR-27: Santa Clara

Sítio arqueológico unicomponential, pré-colonial, localizado a céu-aberto, na margem direita do rio Araguari. Na área do sítio arqueológico existe uma propriedade rural com duas casas e outras edificações, também são observadas árvores de bacabeira, açazeiro, cajueiro, tucumã, entre outras (Figura 9.77). Foram encontrados fragmentos de cerâmica e terra preta. O proprietário é Gil Constâncio de Lima Rodrigues. Não foi possível dimensionar o sítio arqueológico por conta da vegetação espessa no local (Fotos nº 9.16 e 9.17).

Localização GPS: UTM 22N 0466615 0091855; Elevação: 50m

**Figura 9.77.** Mapa nº 06: Sítio Arqueológico Santa Clara.

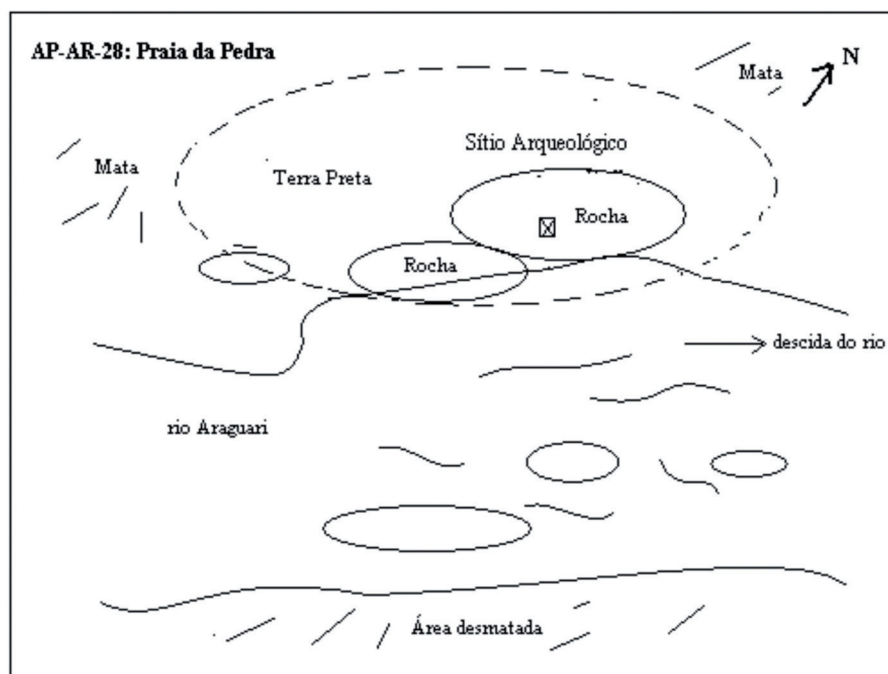


### 7. AP-AR-28: Prainha da Pedra

Sítio arqueológico unicomponencial, pré-colonial, localizado a céu-aberto, na margem direita do rio Araguari. Na área do sítio arqueológico existe uma propriedade rural com edificações que incluem uma casa de altos, plantação de coqueiro e de mandioca, também são visualizadas árvores como bacabeira, açaizeiro, pupunha, tucumã (Figura 9.78). Foram encontrados fragmentos de cerâmica e terra preta. A propriedade é de Vitor da Conceição Ibiapino da Silva. Não foi possível dimensionar o sítio arqueológico por conta da vegetação espessa no local (Fotos nº 9.18 e 9.19).

Localização GPS: UTM 22N 0466872 0093068; Elevação: 48m

**Figura 9.78.** Mapa nº 07: Sítio Arqueológico Praia da Pedra.

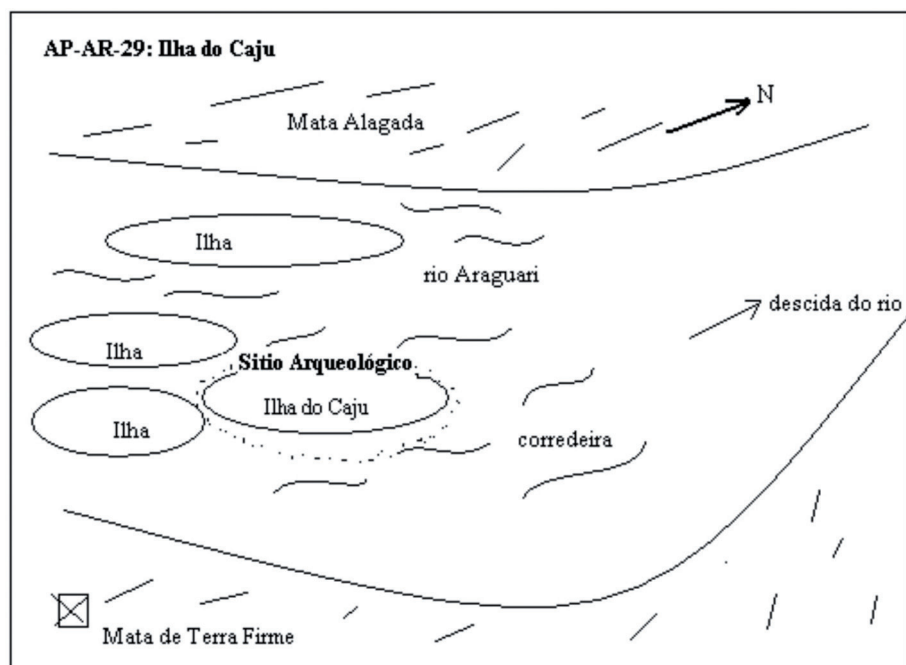


### 8. AP-AR-29: Ilha do Caju

Sítio arqueológico unicomponental, pré-colonial, a céu-aberto, localizado em uma ilha no meio do rio Araguari. O sítio arqueológico é um local de diversão e lazer da comunidade local, com propriedade não definida, existem no local árvores de cajueiro como vegetação predominante. (Figura 9.79). Foram encontrados fragmentos de cerâmica, artefato lítico e terra preta. Não foi possível dimensionar o sítio arqueológico por conta da vegetação espessa no local (Fotos nº 9.20 e 9.21).

Localização GPS: UTM 22N 0467287 0093337; Elevação: 50m

**Figura 9.79.** Mapa nº 08: Sítio Arqueológico Ilha do Caju.



#### 9.13.6. CONCLUSÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES

Considerando a descoberta arqueológica nas Áreas de Influência Direta e Diretamente Afetada do AHE Cachoeira Caldeirão de 08 (oito) sítios arqueológicos, sendo 07 (sete) na Área Diretamente Afetada e 01 (um) na Área de Influência Direta faz-se necessário o resgate arqueológico de todos os sítios, de acordo com as normas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e em conformidade com a Lei Federal n.º 3924/61 e a Portaria do IPHAN 230/2002.

A partir deste momento estão proibidas quaisquer atividades de instalação e operação na Área Diretamente Afetada nos locais em que foram identificados os sítios arqueológicos. Só serão retomadas ou realizadas as atividades de engenharia nesses locais depois de efetivado o resgate arqueológico, uma vez que a área dos sítios arqueológicos, identificada no AHE Cachoeira Caldeirão está protegida por lei federal.

#### FOTOS - ARQUEOLOGIA



1 - Realizando o levantamento de voadeira no rio Araguari  
Autoria: Valdir Pereira Ribeiro Junior



2 - Prospeção arqueológica em afloramento rochoso de granito na margem do rio Araguari  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



3 - Fragmentos cerâmicos localizados no AP-AR-22: Castanheira.  
Autor: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



4 - Fragmento de porcelana e garrafa gré localizados no AP-AR-22: Castanheira.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho





5 - Visão do sítio arqueológico AP-AR-22:  
Castanheira.

Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



6 - Visão do sítio arqueológico AP-AR-23:  
Eucalipto.

Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



7 - Fragmentos cerâmicos localizados no  
AP-AR-23: Eucalipto.

Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho





8 - Visão do solo e frente da propriedade rural no AP-AR-23: Eucalipto.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



9 - Visão do solo e frente da propriedade rural no AP-AR-24: Godoi.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



10 - Fragmentos cerâmicos localizados no AP-AR-24: Godoi.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



11 - Imagem da frente da propriedade no sítio arqueológico AP-AR-24: Godoi.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



12 - Visão do sítio arqueológico AP-AR-25: Capitão Brazão.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

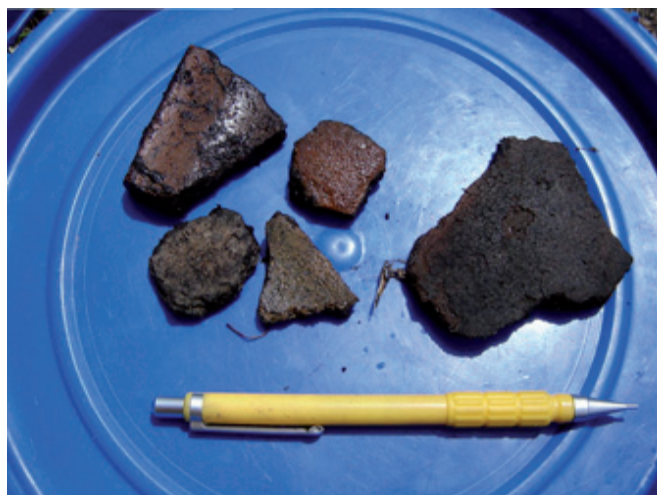


13 - Fragmentos cerâmicos localizados no AP-AR-25: Capitão Brazão  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho





14 - Visão do sítio arqueológico AP-AR-26:  
Prainha do Jutaí.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



15 - Visão da área do sítio arqueológico  
AP-AR-31: Retiro Vila Floriano  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



16 - Visão da área do sítio arqueológico  
AP-AR-27: Santa Clara.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



17 - Fragmentos cerâmicos localizados no  
AP-AR-27: Santa Clara.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



18 - Visão da área do sítio arqueológico  
AP-AR-28: Praia da Pedra.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



19 - Fragmentos cerâmicos localizados no  
AP-AR-28: Praia da Pedra.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



20 - Visão da área do sítio arqueológico  
AP-AR-29; Ilha do Caju.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho



21 - Fragmentos cerâmicos e artefato lítico  
localizado no AP-AR-29; Ilha do Caju.  
Autoria: Edinaldo Pinheiro Nunes Filho